

The background of the book cover is a painting of a young girl with dark hair, wearing a white sleeveless dress and white shoes, sitting on a large, light-colored armchair. She is holding an open book and looking towards the viewer. The setting is outdoors, with a large tree trunk on the left and a landscape in the background featuring rolling green hills, a small white house with a red roof, and trees with autumn-colored foliage in shades of red and orange. The sky is a pale, hazy blue.

Ingedore Villaça Koch
Vanda Maria Elias

*L*ER E
COMPREENDER
os sentidos do texto



editora**contexto**

5

Gêneros textuais

Na constituição dos capítulos anteriores, estivemos expostos – nos capítulos seguintes, também estaremos – a textos diversos: história em quadrinhos, tirinha, charge, crônica, miniconto, fábula, poesia, anúncio, cartaz, artigo de opinião, artigo de divulgação científica, piada, bula, horóscopo, dentre outros.

No processo de leitura e construção de sentido dos textos, levamos em conta que a escrita/fala baseiam-se em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação e é por essa razão que, cotidianamente, em nossas atividades comunicativas, são incontáveis as vezes em que não somente lemos textos diversos, como também produzimos ou ouvimos enunciados, tais como: “*escrevi uma **carta***”, “*recebi o **e-mail***”, “*achei o **anúncio** interessante*”, “*o **artigo** apresenta argumentos consistentes*”, “*fiz o **resumo** do livro*”, “*a **poesia** é de um autor desconhecido*”, “*li o **conto***”, “*a **piada** foi boa*”, “*que **tirinha** engraçada!*”, “*a **lista** é numerosa*”.

E a lista é numerosa mesmo!!! Tanto que estudiosos que objetivaram o levantamento e a classificação de gêneros textuais desistiram de fazê-lo, em parte porque os gêneros existem em grande quantidade, em parte porque os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros. Basta pensarmos,

por exemplo, no *e-mail* ou no *blog*, práticas sociais e comunicativas decorrentes das variações (“transmutações”) da carta e do diário, respectivamente, propiciadas pelas recentes invenções tecnológicas.

Sobre a nossa atividade comunicativa e, portanto, a constituição dos gêneros, BAKHTIN (1992:301-302) afirma que:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma **forma padrão** e relativamente estável de **estruturação de um todo**. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na **prática**, usamos com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência **teórica** [...]. (grifos do autor)

Fundamentada na afirmação do autor, KOCH (2004) defende a ideia segundo a qual os indivíduos desenvolvem uma **competência metagenérica** que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais.

É essa **competência** que possibilita a produção e a compreensão de gêneros textuais, e até mesmo que os denominemos, conforme explicamos no parágrafo inicial e reiteramos, agora, com o **texto 1**, cujo enunciado destaca a denominação do gênero “currículo”, e, com o **texto 2**, em que na “fala” do garoto revela-se a denominação ao gênero textual “recado” produzido em suporte não esperado – a parede –, para desaprovação do pai. Vejamos:

TEXTO 1



Fonte: O Estado de S. Paulo, 10 set. 2005.

TEXTO 2



Fonte: Folha de S. Paulo, 24 set. 2005.

Como vemos, se, por um lado, a **competência metagenérica** orienta a produção de nossas práticas comunicativas, por outro lado, é essa mesma competência que orienta a nossa compreensão sobre os gêneros textuais efetivamente produzidos. Para exemplificar que essa competência é de fundamental importância para a produção de sentido do texto, selecionamos os textos a seguir.

TEXTO 3

Em relação ao **texto 3**, a seguir, nossa competência metagenérica nos diz que, por sua composição, conteúdo, estilo, propósito comunicacional e modo de veiculação, estamos diante do gênero **propaganda**, constituído sob a forma de outro gênero: **palavras cruzadas**.

TEXTO 3

CRUZADAS

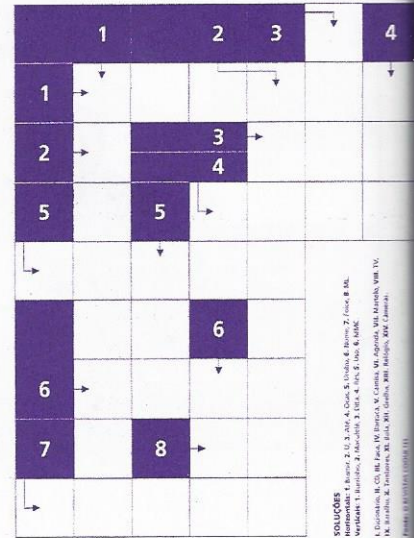
HORIZONTAIS:

1. Sinônimo de clamar, conforme  Houaiss.
2. ... 2, banda irlandesa que gravou o  "The Joshua Tree".
3. "... tu, Brutus?", disse Júlio César ao ser apunhalado com uma .
4. Inspiração indígena para a  de camping (pl.).
5. Símbolo do clube que veste  rubro-negra (fut.).
6. Você anota na sua  de telefone.
7. Símbolo da ex-URSS: o  representa a indústria e ela, o campo.
8. Mário Lago. Atuou em *Dancing Days*, exibida na  em 1978.

VERTICAIS:

1. Jogo de , em que vence o primeiro que descartar toda sua mão (dim.).
2. Dança folclórica baiana acompanhada pelo rufar dos .
3. Sorte, fortuna,  de cristal usada pela cartomante.
4. Animal cuja carne é usada na  de churrasco.
5. Utilizo o  para ver as horas.
6. Pequeno cartão usado em  fotográficas.

Pode imaginar. Aqui tem.



SOLUÇÕES
 Horizontais: 1. Bramar; 2. U2; 3. ANI; 4. Cova; 5. Uchida; 6. Borne; 7. Foca; 8. MA.
 Verticais: 1. Babilônia; 2. Babilônia; 3. Babilônia; 4. Babilônia; 5. Babilônia; 6. Babilônia; 7. Babilônia; 8. Babilônia; 9. Babilônia; 10. Babilônia.



Fonte: Revista *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1929, n. 44, 2 nov. 2005.

TEXTO 4



Fonte: Folha de S. Paulo, 28 abr. 2001.

Também, no **texto 4**, é de fundamental importância a competência metagenérica para a produção de sentido, uma vez que estamos diante de uma charge que revela em sua constituição o gênero “piada” em dois momentos: **primeiro**, pelo efeito de riso produzido por um enunciado que “passou a fazer parte do repertório de piadas”; **segundo**, pela apresentação, após o riso, de um enunciado que, na sequência, anuncia outra piada, esta, porém, situada em um quadro (re)conhecido, esperado: trata-se de uma piada de portugueses.

A noção de competência metagenérica – e de sua importância na e para a produção/compreensão de textos – está implicada no ponto de vista de BAKHTIN (1992:301-302), segundo o qual:

Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. [...] Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem

nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

No trecho, destaca-se a ideia de que os gêneros textuais – práticas sociocomunicativas – são constituídos de um determinado modo, com uma certa função, em dadas esferas de atuação humana, o que nos possibilita (re)conhecê-los e produzi-los, sempre que necessário. Se não fosse assim, haveria primazia de uma produção individual e individualizante desprovida dos traços de um trabalho construído socialmente, o que dificultaria (e muito) o processo de leitura e compreensão, segundo os pressupostos assumidos por nós nos capítulos anteriores.

Afirmar que os gêneros são produzidos de determinada forma não implica dizer que não sofrem variações ou que elegemos a forma como o aspecto definidor do gênero textual em detrimento de sua função. Apenas chamamos a atenção para o fato de que todo gênero, em sua composição, possui uma forma, além de conteúdo e estilo – segundo BAKHTIN (1997), elementos indissociáveis na constituição do gênero.

Composição, conteúdo e estilo

Na perspectiva bakhtiniana, um gênero pode ser assim caracterizado:

- são tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional;
- além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo;

- trata-se de entidades escolhidas, tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor, sujeito responsável por enunciados, unidades reais e concretas da comunicação verbal.

Desse modo, todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissoluvelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. Veremos como se constitui essa combinação nos exemplos apresentados a seguir:

TEXTO 1

Pecado

*Que raiva que dá
Quando a Chica se pinta toda
Só pro Neno
Ela que é toda assanhada
Ele que come qual urso
Eu que deitado na sombra
Queria ter um carro igual*

Fonte: ELIAS NETO, Moysés. Poeta de Gaveta. Onze/USP.

TEXTO 2

Sete Pecados do governo Lula

Lula disse na semana passada, depois de comungar sem confessar, que não tem pecados. Bem, cada um sabe de sua vida particular. Mas, como governante, ele e seu governo têm pecados que nenhum frei, nem mesmo da Teologia da Libertação (aquela que alguns chamam de "progressista"), pode expurgar em pouco tempo. Vou me limitar aos pecados capitais:

Soberba ou Vaidade – "Mãe de todos os vícios", segundo Tomás de Aquino, se manifesta toda vez que o presidente diz que, por ser de origem proletária, veio salvar o Brasil de 500 anos de inferno capitalista. Ou quando

desdenha a educação formal porque não precisou de diploma universitário para atingir o maior cargo político do País que considera o melhor do mundo. Ou quando seus asseclas principais o comparam com Jesus, Moisés e outros personagens.

Preguiça – Ou: Macunaíma no poder. O presidente, para não falar de seus filhos, e os ministros, para não falar de suas mulheres, não trabalham. Despachar, para eles, é um verbo do dicionário de candomblé. Ocupam o tempo com discursos, viagens, factoides, lobbies, nomeações para todos os escalões – sem critério exceto o do interesse. Falam em reforma, mas jamais metem a mão na massa. Não estudam seus assuntos e não conseguem cortar gastos, aprimorar gestões, administrar planilhas. Claro, a dispersão convém.

Inveja – Esse é o menos disfarçado dos pecados do atual governo. Lula quer ser FHC, Dirceu quer ser Serjão, Palocci quer ser Malan. Ficaram tantos anos atacando o governo anterior que, numa reversão que só a inveja explica, hoje incluem no programa de partido todos os pontos que atacavam: meta de inflação, superávit fiscal, dólar flutuante, boas relações com o FMI, etc. A tal ponto que não sabem como derrubar os juros, pois, como a dívida caiu pouco e os investimentos continuam baixos, não dá para tirar o olho do risco-país.

Luxúria – Esse pecado também é visível por toda parte. Por exemplo, quando o presidente viaja em seu Boeing “sob encomenda”, o Aerolula, para ser santificado como inimigo da fome por ditadores africanos, em meio a gafes e bravatas. Ou em seus roupões de algodão egípcio e jantares regados a Château Pétrus. Ou quando se gaba de seu desempenho sexual.

Ira – Não é apenas uma explosão de raiva, mas o sentimento de orgulho que se converte em desejo de vingança. Aos inimigos, os petistas sempre dedicam a ira; em vez de contrapor argumentos e exercitar a tolerância, tratam de desqualificá-los moralmente ou cerceá-los juridicamente. E, novamente como de hábito, ninguém conhece melhor a ira do governo petista do que os antigos aliados, quer “radicais” quer “históricos”. Essa postura não raro aparece travestida de “regulamentação” de setores como a imprensa e a cultura.

Gula – No sentido estrito, basta olhar as barrigas do Executivo. No sentido amplo, é a voracidade com que o governo avança no bolso dos contribuintes, engolindo toda migalha que vê pela frente. Os impostos sobem, a arrecadação dispara, os agiotas comemoram. E é também a gula por mais e mais poder, expressa na maneira como todas as estatais

são ocupadas por políticos e o número de funcionários públicos não para de aumentar.

Avareza ou Cobiça – Esse pecado seria o mais negado pelo atual governo, já que anuncia “generosidades” a toda hora. Mas, ao mesmo tempo que esbanja em juro e luxos, ele é avaro, extremamente avaro na prestação de serviços sociais. Oferece “bolsa-esmola”, que frequentemente cai em mãos abastadas, mas deixa o ensino, a saúde e a segurança (cadê o “maior plano nacional de segurança jamais feito?”), por exemplo, piorarem a cada dia. Quanto mais dinheiro extrai da sociedade, menos lhe devolve. Ave Maria, rogai por nós.

Fonte: Piza, Daniel. *Sete pecados do governo Lula*, 17 abr. 2005. <http://txt.estado.com.br/columnistas/piza.html>. Acessado em 26 mai. 2005.

TEXTO 3



Fonte: O Estado de S.Paulo, 9 mar. 2005.

Sabemos, pela nossa competência metagenérica, que o **texto 1** é uma poesia, que o **texto 2** é um artigo de opinião, e que o **texto 3** é uma tirinha. Por quê? Porque esses gêneros têm um modo de composição (estruturação, esquematização) que lhes são próprios: a **poesia** se estrutura em estrofes e versos, com rimas ou sem rimas; por sua vez, o **artigo de opinião** se estrutura em torno de um ponto de vista e da argumentação em sua defesa; e a **tirinha** se estrutura em enunciados curtos, constituídos em balões, para representar a “fala” de personagens, destacando-se nessa composição o imbricamento entre verbal e não-verbal.

Portanto, **do ponto de vista da composição dos gêneros**, deve-se levar em conta a forma de organização, a distribuição das informações

e os elementos não-verbais: a cor, o padrão gráfico ou a diagramação típica, as ilustrações.

Do ponto de vista do conteúdo temático, na poesia predomina a expressão dos sentimentos do sujeito, sujeito esse que fala de si e dá vazão a emoções, constituindo-se, preponderantemente, na primeira pessoa.

Por sua vez, no artigo de opinião, veiculado em revistas ou jornais, o conteúdo, geralmente, consta de acontecimentos de ordem política, econômica, social, histórica ou cultural, e raramente sobre acontecimentos ou vivências pessoais. Por último, na tirinha, o conteúdo esperado é a crítica bem-humorada a coisas do mundo, modos de comportamento, valores, sentimentos.

Coincidentemente, os três textos selecionados estruturam-se em torno do mesmo tema – pecado – porém o fazem de modo diferente. **Em se tratando de estilo**, na poesia, há a expressão máxima do trabalho do autor nas escolhas realizadas para a constituição do dizer; no artigo de opinião, geralmente, exige-se característica do estilo de comunicação formal, dirigida a um grupo privilegiado social, econômica e culturalmente; na tirinha, apesar da escassez do espaço, que exige do autor uma produção breve, há forte expressão do trabalho do autor marcada, geralmente, por maior grau de informalidade.

Subjaz a essas considerações o fato de que, nas escolhas que realiza, o autor imprime a sua marca individual, mas não pode ignorar a relativa estabilidade dos gêneros textuais, o que não o caracteriza como um sujeito inteiramente livre, que tudo pode dizer em descaso às regulações sociais, nem como um sujeito totalmente submisso, que nada pode dizer, sem fugir às prescrições sociais.

Para entendermos melhor a relação estilo/gênero textual, vamos ler os textos a seguir:

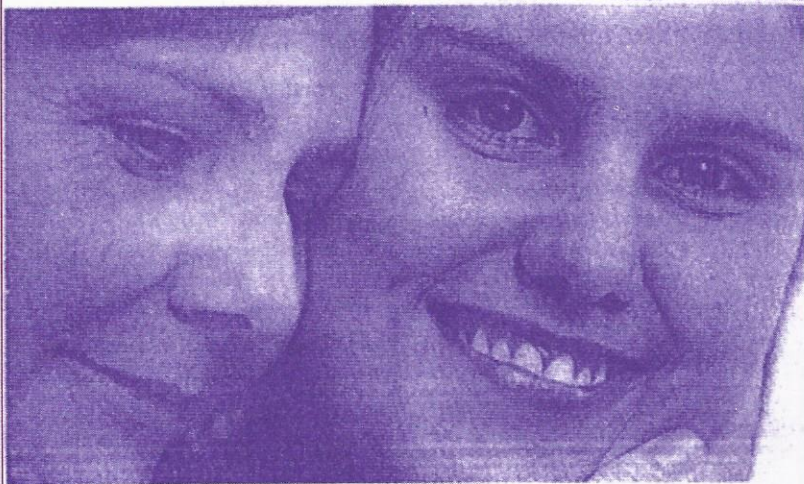
TEXTO 1

Notícia: Final Feliz

"Após receber o rim da mãe, Anna Paula Reinelt Marques deixou o hospital ontem. A mãe, Izilda (com Anna na foto), teve de escolher qual das três filhas iria receber o órgão".

FINAL FELIZ

ROBSON FERNANDES/AF



●●● Após receber o rim da mãe, Anna Paula Reinelt Marques deixou o hospital ontem. A mãe, Izil-

da (com Anna na foto), teve de escolher qual das 3 filhas iria receber o órgão. ● PÁG. A30

TEXTO 2

Final Feliz?

Ingredientes:

- 3 filhas com grave problema renal, que há quatro anos fazem diálise e esperam um órgão na fila de transplante;
- 1 mãe que possui apenas dois rins e, deste modo, apenas um disponível para transplante;
- 1 Hospital do Rim, na vila Mariana, zona sul de São Paulo;
- 1 médico especialista em transplantes de rim;
- 1 equipe de apoio para este médico.

Modo de fazer:

1. Pegue as filhas, leve-as ao médico e faça-as descobrir a grave doença, deixe-as em banho-maria.
2. Pegue então a mãe e dê a notícia a ela, dizendo também que ela terá de escolher a qual das filhas doará seu rim, reserve.
3. Pegue novamente as filhas, dê também esta notícia a elas.
4. Este procedimento causará grande ebulição de sentimentos (angústias, ansiedade, tristezas etc...), espere então que esfrie.
5. Convoque então as quatro para que decidam juntas qual das filhas receberá o rim.
6. Aguarde um certo tempo para que elas se resolvam, enquanto isso vá juntando o dinheiro necessário para o transplante.
7. Resolvido? Então leve a mãe e as filhas ao Hospital do Rim e faça com que encontrem o médico e sua equipe.
8. Entre então com a mãe e apenas uma das filhas na sala de cirurgia.
9. Faça o transplante e deixe as outras duas filhas esperando na fila do transplante.
10. Retorne, então, com a filha transplantada e a mãe para casa, e leve as outras duas filhas para o hospital fazer diálise.
11. Final feliz?

Autora: Júlia Portella, aluna do curso de Comunicação e Multimeios da PUC-SP.

Não temos dúvida de que o **texto 1** é uma notícia: a função preponderante é informar, o texto foi veiculado em jornal, em sua organização e estilo destacam-se o modo de distribuição das informações, os elementos não verbais (diagramação típica, ilustrações) e a “objetivação” do discurso.

Por sua vez, o uso de uma estrutura composicional como a do **texto 2** pode ocorrer – porém é pouco comum – no domínio jornalístico. Trata-se, nesse caso, de uma produção textual em que o trabalho do autor se evidencia na mobilização de duas formas composicionais para fazê-las funcionarem simultaneamente superpostas uma à outra: um artigo de opinião construído sob a forma de receita.

A partir dessas considerações sobre estilo, conteúdo e composição dos gêneros textuais, podemos afirmar que:

- a noção de gêneros textuais é respaldada em práticas sociais e em saberes socioculturais, porém os gêneros podem sofrer variações em sua unidade temática, forma composicional e estilo;
- todo e qualquer gênero textual possui estilo; em alguns deles, há condições mais favoráveis (gêneros literários), em outros, menos favoráveis (documentos oficiais, notas fiscais), para a manifestação do estilo individual;
- os gêneros não são instrumentos rígidos e estanques, o que quer dizer que “a plasticidade e a dinamicidade não são características intrínsecas ou inatas dos gêneros, mas decorrem da dinâmica da vida social e cultural e do trabalho dos autores” (ALVES Filho, 2005: 109);
- os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função. O texto **Final feliz?**, por exemplo, é representativo de que um gênero pode assumir a forma de outro e, ainda assim, continuar pertencendo àquele gênero (no caso do exemplo, o artigo de opinião assumiu o formato de receita, mas continuou, por sua função, um artigo de opinião). Esse fenômeno alusivo à **hibridização** ou **mescla de gêneros** é denominado de *intertextualidade intergêneros* (cf. MARCUSCHI, 2002: 31) e é disso que trataremos a seguir.

Gêneros textuais e intergenericidade

A **hibridização** ou a **intertextualidade intergêneros** é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação. Não raro, pode ser verificado em anúncios, tirinhas e até mesmo em artigos de opinião.

Vejamos os textos a seguir:

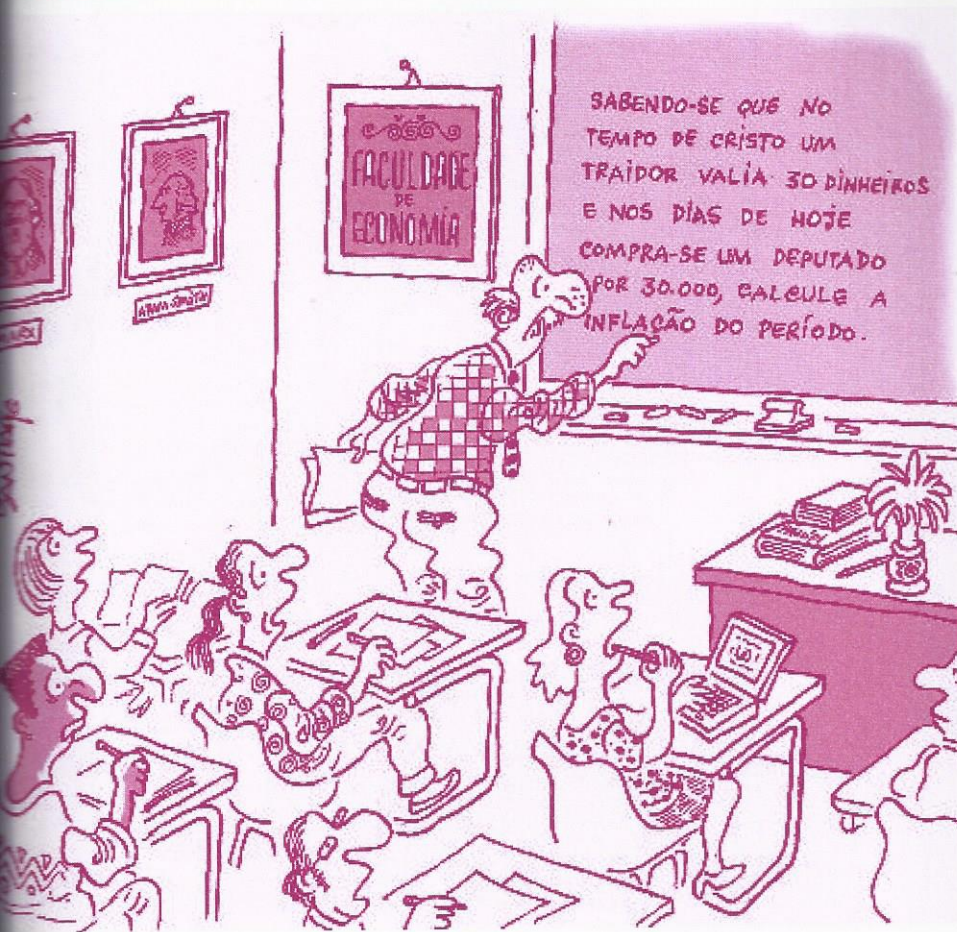
TEXTO 1



Fonte: Folha de S. Paulo.

O **texto 1**, embora tenha as características de uma receita, de fato não o é, porque o leitor não o levará a sério, a ponto de efetivamente realizá-la. Dito de outro modo, o texto tem a **forma** de receita, mas não a **função** de receita. A sua função é aquela que se atribui às tirinhas. Temos, portanto, no exemplo, uma mescla de dois gêneros: o gênero receita está a serviço do gênero tirinha, mas este preserva a sua função sócio-historicamente constituída, a saber: a de revelar um posicionamento crítico sob a perspectiva do humor.

TEXTO 2



É... já sabemos. O **texto 2** não consiste em um problema matemático cuja solução é solicitada aos leitores. Não!!! Nenhum leitor maduro, conhecedor de charge, tentaria resolver o problema, pois sabe que esse gênero é uma forma humorada de criticar e zombar de fatos ou situações reais da política, de modo geral. Vemos, novamente, a concretização do fenômeno da intertextualidade intergêneros: a charge constituída sob a forma de problema; o problema a serviço da charge, sem, contudo, alterar a função desta.

TEXTO 3

TELEGRAMA

<<Caro chefe,

Resolvi fazer um curso de atualização para melhorar meu desempenho. Pelo bem da empresa, preciso me dedicar em tempo integral. Volto em poucos dias, quando tiver novos conhecimentos para aplicar no trabalho.

Pedro>>

Pedro Romanetto
Rua João Xavier 544C, Brooklin -
São Paulo/SP CEP 5126-785

F. Campos
Rua Heloisa, 887
Vila Madalena - São Paulo/SP
CEP 2204-040

USO EXCLUSIVO DO CORREIO

1) ☐ Nacional 2) ☐ Internacional
3) ☐ Aéreo 4) ☐ Marítimo
5) ☐ Desconhecido 6) ☐ Não existe o código indicado
7) ☐ Endereço insuficiente. Faltou:
8) ☐ Outros (Especificar):

NÚMERO DO TELEGRAMA PD773188853 7373

TL4

PE 1828 12/20

**VÁ ARRANJANDO SUA
DESCULPA PRA NÃO PERDER
O FEIRÃO FLEX FIAT.**



Fonte: Folha de S. Paulo, 20 ago. 2005.

Vemos, no **texto 3**, o quanto é interessante a mescla de gêneros como um recurso de que dispõe o produtor de texto para alcançar o seu propósito comunicacional e a que deve estar atento o leitor para a construção de sentido.

Nossa competência metagenérica nos diz que não estamos diante do gênero telegrama, não em termos de sua função no contexto em que se insere, mas do gênero anúncio. E a parte que se encontra abaixo do telegrama: **Vá arranjando sua desculpa pra não perder o feirão FLEX FIAT** é uma forte sinalização disso.

TEXTO 4

= = = T E S T A M E N T O = = =

Eu, TEREZA BATISTA, portadora da carteira de
identidade 26.511.172-X, enumero meus bens pessoais e
nomeio os seguintes beneficiários abaixo:

Para a secretária, deixo minha  eletrônica,
para ela deletar todos os meus compromissos.

Para o meu chefe, deixo o kit de  com 21 peças
para ele trabalhar feito um peão.

Para o cachorro do meu marido, deixo a  do Rex
e o  de 6 bocas para ele aprender a cozinhar.

Ganhei na loteria. Vou desta para uma melhor.

Pode imaginar. Aqui tem.



Fonte: Revista *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1926, ano 88, n. 41, 12 out. 2006, p. 111.

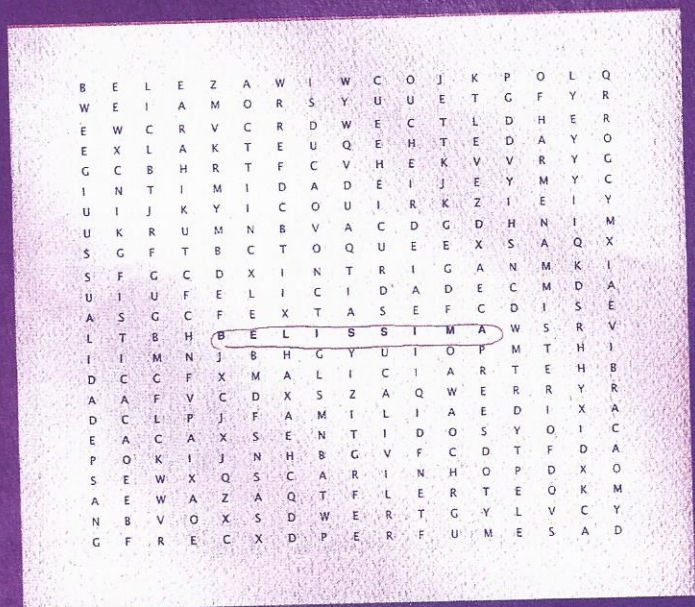
É... ninguém levaria a sério um testamento como esse, não é mesmo? Isso evidencia que, de fato, não estamos diante do gênero testamento, embora assim seja anunciado no alto da primeira linha tal como é praxe nesse tipo de documento.

A forma a que se recorreu para compor o **texto 4** equivale à de um testamento; porém, pela função que lhe é atribuída, considerando o modo de composição, o estilo, o conteúdo, o propósito comunicacional

e o meio de veiculação, verifica-se tratar-se de uma propaganda constituída sob a forma de testamento. E quanto a isso, não temos dúvida, porque a função ou propósito comunicativo, mais do que a forma, nesse caso, é preponderante na definição do gênero.

TEXTO 5

SEDUÇÃO é um jogo. E como **BELÍSSIMA** é repleta de **SENSUALIDADE** com um **TOQUE** de **MALÍCIA** nós propomos este: encontre abaixo as palavras em destaque no texto. Pois em breve você e sua **FAMÍLIA** irão assistir a uma história de **AMOR** e **SOFISTICAÇÃO** que vai deixar a todos em **EXTASE** durante bons meses. Vai entrar na **INTIMIDADE** de personagens com muito **CHARME**. Vai descobrir que para alguns é a **BELEZA** que leva ao **DELÍRIO**. E que para outros o **MISTÉRIO** da tal questão de **PELE** é o **CARINHO**, o **CALOR** ou a **VIBRAÇÃO** de alguém. Vai conhecer pessoas que guardam um **PERFUME**, um **CHEIRO** e gente que nunca perde a **ELEGÂNCIA**, a **LEVEZA** e a **FELICIDADE** mesmo com toda a **INTRIGA**. Uma novela que combina **CARÍCIA**, **FLENTE** e **PAIXÃO** e que vai mexer com os seus **SENTIDOS**.



Belíssima

Você vai encontrar uma história única. Nesta segunda, dia 7, estreia *Belíssima*. A nova novela das 8.



A gente se vê por aqui
www.globo.com/belissima



Fonte: Revista *Veja*. São Paulo: Abril, ed. 1980, ano 88, n. 45, 9 nov. 2005.

Verificamos, no **texto 5**, a estrutura composicional do gênero caça-palavras na composição da propaganda. Dito de outro modo: o gênero propaganda se apresenta sob a forma de outro – caça-palavras –, mas continua com a função que lhe cabe, a saber: divulgar um produto, no caso, *Belíssima*, novela global das oito. Sabemos disso uma vez que a esfera de circulação, os propósitos comunicativos, o tipo de interação em jogo, a materialidade linguística e as palavras em destaque são indicações, para que interpretemos o texto como propaganda e não como um passatempo, ainda que aceitemos a proposta e busquemos encontrar no texto as palavras destacadas. A leitura do texto confirma, pois, que o seu propósito principal é anunciar a novela e a forma escolhida para fazê-lo atender bem a esse propósito.

Gêneros textuais e heterogeneidade tipológica

Os gêneros são formados por sequências diferenciadas denominadas **tipos textuais**. Portanto, devemos ter em vista que a noção de gênero não se confunde com a noção de tipo.

É partindo desse pressuposto que ADAM (1991) afirma que uma narrativa ou uma descrição diferem uma da outra e também de outras narrativas e outras descrições. As sequências reconhecidas como descritivas, por exemplo, compartilham um certo número de características do conjunto – uma sensação familiar que incita o leitor a reconhecê-las como sequências descritivas mais ou menos típicas, mais ou menos canônicas.

O autor propõe ainda situar a tipologia de sequências em um conjunto mais amplo e complexo dos planos de organização da textualidade. Concebendo o texto como uma estrutura sequencial heterogênea, o autor afirma ser possível observar a diversidade e a heterogeneidade do texto, bem como definir linguisticamente alguns aspectos dessa complexidade.

Por sua vez, MARCUSCHI (2002:23) afirma que “os tipos textuais constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos”. Teoricamente, **os tipos** são designados como **narrativos**, **descritivos**, **argumentativos**, **expositivos** ou **injuntivos**.

O autor enfatiza que os gêneros textuais são constituídos por dois ou mais tipos, em geral. A presença de vários tipos textuais em um gênero é denominada de **heterogeneidade tipológica**. Verificaremos a existência desse fenômeno nos textos a seguir:

TEXTO 1

TROCO ESPOSA

25/45 anos / Cozinha / varre / passa / Excelente estado.

ESPOSA PROCURA

**Família que valorize / entenda necessidades
e AJUDE a limpar a casa.**

Para fazer parte da experiência televisiva
que está mudando o mundo inteiro...

PARTICIPE!

www.peopleandartsbrasil.com

(Swingers abstenham-se)

E você poderá se ver em Troca de Esposas
todas as quartas-feiras às 22h.

people+arts
UM CANAL DA SIC E DISCOVERY NETWORKS

Fonte: Folha de S. Paulo, 27 jul. 2005.

O gênero textual acima é composto por diferentes tipos textuais:

Descritivo

troco esposa 25/45 anos/cozinha/varre/passa/excelente estado;

esposa procura família que valorize/ entenda necessidades e ajude a limpar a casa.

Argumentativo

para fazer parte da experiência televisiva que está mudando o mundo inteiro...

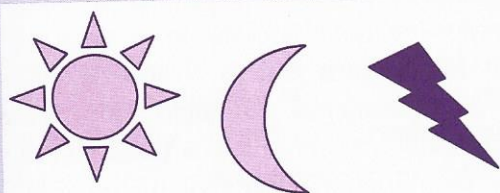
e você poderá se ver em Troca de Esposas todas as quartas-feiras às 22h.

Injuntivo

participe! www.peopleandartsbrasil.com/
swingers abstenham-se

TEXTO 2

No texto a seguir, produzido por um garoto de sete anos, há a presença de vários tipos textuais, conforme especificado na legenda apresentada ao final.



Descobrimento do Brasil

Era uma vez o garoto Pedro Álvares Cabral
Adorava barcos, navios
E queria ser marinheiro
20 anos se passaram
E o sonho do garoto se realizou

Garoto não, ele tinha crescido

Bom, Dom Manuel chamou Pedro Álvares Cabral
Para ser capitão do navio para a Índia

**Mas o que eles não sabiam era que
para ir para a Índia era preciso passar por um país inimigo.**

Quando finalmente partiram

Ventos terríveis... **e por causa disso, ao invés de virar à direita,
viraram à esquerda**

E, assim, Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil.

Não vá pensando que esta história acabou.

Pedro passou esta história de geração em geração.

**Esta história tem vários jeitos de se contar, como este de João
Marcelo da Silva Elias.**

Fim

Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 7 anos, aluno do Colégio Madre Alix.

LEGENDA:

Tipo narrativo Tipo descritivo **Tipo argumentativo** **Tipo injuntivo**

Como observamos, o estudo dos gêneros constitui-se, sem dúvida, numa contribuição das mais importantes para o ensino da leitura e redação. Para reforçar esse posicionamento, afirmamos que, somente quando dominarem os gêneros mais correntes na vida cotidiana, nossos alunos serão capazes de perceber o jogo que frequentemente se faz por meio de manobras discursivas que pressupõem esse domínio.